



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**VERA LÚCIA RUSCHEL CORREA DE OLIVEIRA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Vera Lucia Ruschel Corrêa de Oliveira

**Nascimento:** 12/03/1959

**Local da entrevista:** CEME

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 24/01/2014

**Transcrição:** Juliana Lorenzoni

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Total de gravação:** 50 minutos e 14 segundos

**Páginas Digitadas:** 20 páginas

**Observações:** A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança de João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## Sumário

Dados identificação; Sobre a família; Começo na dança pela mãe; Irmãs bailarinas; Começo na escola Rolla no Auditório Araújo Viana; Começou a dançar com oito anos; Peculiaridades sobre a escola, porteiro, salas e auditório; Divisão das turmas de balé; Sobre o uso da varinha; Formatura balé, certificado e álbum; Rolla como professor; Tempo de escola; Filhos e afastamento da escola; Expressões do Rolla; Começou ministrar aulas; Cardeninho de aula do Rolla; Casou; Deu aula de jazz; Especialidades da escola Rolla; Nome da escola; Escolas de dança em Porto Alegre; Disciplina na escola; Rotina de espetáculo; Figurinos; Épocas dos espetáculos; Foi escolhida para solo; Ficou doente e foi substituída; Aula em outros lugares; Namoro e casamento; Parou de dançar; Fundação Unicamara; Fim da escola Rolla; Bailarinas que se destacaram; Irmã Virgínia; Considerações finais; Corpo de balé da PUC; Agradecimentos; Doação álbum de formatura para acervo.

Porto Alegre, 24 de janeiro de 2014. Entrevista com Vera Lucia Ruschel Corrêa de Oliveira a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Gostaria de iniciar solicitando que me digas teu nome completo?

V.O. – Vera Lucia Ruschel Corrêa de Oliveira

M.C. – Tua data de nascimento?

V.O. – 12.03.1959

M.C. - Tu tens filhos, Vera?

V.O. – Tenho três filhos, o Pedro com trinta e um anos, a Júlia com vinte e nove e a Bruna com vinte e cinco. E já tenho quatro netos; um casal do Pedro e um casal da Júlia.

M.C. – Que bom! Então fala um pouco da tua formação.

V.O. – Eu, na verdade, não cheguei a fazer curso superior. Porque na época só me interessava a dança. E aqui no Rio grande do Sul, no Brasil em si, não tinha faculdade de dança ainda. Eu tentei entrar na Esec, mas não me dediquei o suficiente, eu dançava, dava aula de balé, então, não me dediquei a estudar para passar no vestibular. E não passei [risos]. Depois tentei para a comunicação, também a mesma coisa. Acabei ficando só na dança, eu dava aula lá na escola do Rolla também.

M.C. – Então conta como tu chegaste a Escola de Dança de João Luiz Rolla?

V.O. – Pela minha mãe. A minha mãe tinha o sonho de ser uma bailarina. Ela chegou a iniciar na dança, mas morava no interior, logo conheceu o meu pai, se casou, mudou de cidade, teve cinco filhas mulheres, e o sonho foi transferido para as filhas e todas nós fizemos João Luiz Rolla [risos] as três mais velhas num primeiro momento, anos depois as duas caçulas.

M.C. – Podes dizer o nome de tuas irmãs por ordem de nascimento?

V.O. – Eu vou dizer o nome de solteiras, tá?

M.C. – Pode ser.

V.O. – Angela Maria Ruschel<sup>1</sup>, Maria Cristina Ruschel<sup>2</sup> e Virginia Maria Ruschel<sup>3</sup>. A Virginia foi uma das primeiras bailarinas do Rolla na época que ela dançou. Depois eu, Vera e Elaine Beatriz Ruschel<sup>4</sup> numa outra etapa mais tarde também fizemos a escola.

M.C. – Onde tu lembras que ficava localizada a escola na primeira vez que tu foste até lá?

V.O. – No Auditório Araujo Viana. E eu nem sei onde teria sido antes [risos]

M.C. – A escola teve outros endereços também.

V.O. – É teve, mas para mim acho que era bem antes do meu tempo, não sei.

M.C. – Certo! Quantos anos tu tinha quando tu começaste a estudar na escola?

V.O. – Eu já comecei tarde, porque como a minha mãe morava longe, ela se puxou muito para fazermos balé, morávamos no bairro Petrópolis, perto da Avenida Carlos Gomes, e o auditório Araujo Viana era bem distante para ela, o bairro Bela Vista não existia, era um potreiro, era entre o Petrópolis e o mato [risos]. Então ela reuniu as três mais velhas e levava todas juntas, e eu, tive que esperar a minha irmã mais nova ter idade para poder começar, então eu já comecei com oito anos para ela começar com seis.

M.C. – Como era a escola e sua estrutura?

V.O. – Eu me lembro de quando criança, descer do ônibus na Avenida Oswaldo Aranha, andar naquela passarela comprida que leva ao Auditório Araújo Viana, entrar naquele espaço enorme da plateia do auditório, o palco, tudo me impressionava muito, e a gente subia uma escada caracol, barulhenta... ainda lembro do som que fazia, que também era uma coisa diferente na época. A sala ficava no andar de cima era espaçosa com piso de parquet, vários espelhos e barras por todos os lados, um piano e um pequeno vestiário. Tinha um cantinho com a mesa do “Seu Rolla” como nós

---

<sup>1</sup> Ângela Maria Ruschel, ex-aluna da Escola João Luiz Rolla.

<sup>2</sup> Maria Cristina Ruschel, ex-aluna da Escola João Luiz Rolla.

<sup>3</sup> Virginia Maria Ruschel, ex-aluna da Escola João Luiz Rolla.

<sup>4</sup> Nani - Elaine Beatriz Ruschel, ex-aluna da Escola João Luiz Rolla.

chamávamos, e antes de entrar na sala tinha um vestiário maior com banheiro, e no corredor, uns bancos encostados nas paredes para as mães esperarem. Havia um personagem, o Temperatura! Era o porteiro do Auditório! Sempre que entrávamos pelo portão ele dizia: “tá quente hoje!”; “hoje tá frio!”; “será que vai chover?”, e assim por diante! Até hoje não sei qual era o nome dele. Era o simpático Seu Temperatura!

M.C. – E como se desenvolviam as aulas?

V.O. – Tinham os grupos iniciais: infantil A e infantil B, e o preparatório que preparava para o uso de pontas. Aí depois começava primeiro ano de pontas, segundo até o sexto, onde éramos formandas. Lembro que ele tinha o cuidado das pontas começarem quando a idade óssea permitia.

M.C. – Qual era a idade?

V.O. – A partir dos nove ou dez anos por aí, que era o primeiro ano de ponta, não antes disso. E uma coisa assim que eu sempre achei muito injusto na fama dele é a história da varinha, porque ele sempre teve a fama do professor que batia de varinha, não sei se tu já ouviu falar sobre isso?

M.C. – Nas entrevistas a varinha é citada.

V.O. – Se tu falares com quem não era aluno da escola, eles vão falar mal dessa varinha. Alguns que passaram pela escola talvez também não tiveram tempo de entender a varinha.

M.C. – E o que ele fazia com essa varinha?

V.O. – Era um excesso de educação, na época tu não tocava nas pessoas como hoje, ele era homem, então tinha este cuidado... Ele te tocava com a varinha para tu sentir qual a parte do corpo que tu precisavas corrigir... “estica aqui, levanta esse braço, oh está caindo o cotovelo!” Então ele encostava a varinha para não tocar a mão, entendeu? Eu acho que era um cuidado que ele tinha que as pessoas não percebiam.

M.C. – E isso acontecia só nas correções Vera? Ele ministrava a aula inteira com a varinha na mão?

V.O. - Quase todo tempo com a varinha na mão. Era como um maestro! Ele era um artista, super expressivo, e a varinha fazia parte dele...

M.C. – Tu fizeste todo o curso, Vera?

V.O. – Fiz. E me formei na Escola João Luiz Rolla. Tenho o certificado.

M.C. – Tinha o registro na época ainda do conselho de educação, da secretaria, tu te lembras disso?

V.O. – Sim, tinha o registro, estou lembrando agora.

M.C. – Se tu quiseres, nos permitir ter uma cópia, porque o CEME aceita doações de documentos em relação à escola.

V.O. – Sim, eu tenho! Tenho guardado. Eu tenho inclusive o meu álbum de formatura, no ano em que nos formamos, tivemos que fazer um álbum com o histórico da dança... Tipo um TCC<sup>5</sup>. Ele usava isso na formatura, agora lembrei até das aulas teóricas! Tínhamos que organizar um álbum, com história e teoria da dança, com fotos e ele seria avaliado.

M.C. – Mas organizava com o que?

V.O. – Reportagens, a história da dança, teoria, fotos, fotos pessoais, era bem resumido, mas era um trabalho que ele exigia que a gente fizesse.

M.C. – Todas tinham que entregar?

V.O. – Era obrigado a fazer.

M.C. – Ficava com ele ou ele te devolvia?

V.O. – Devolvia, eu tenho ele.

M.C. – Tinha nota? Avaliação?

V.O. – Era avaliado, mas eu acho que não tinha nota... Eu nem me lembro se tinha um muito bom no meu [risos]

---

<sup>5</sup> Trabalho de Conclusão de Curso.

M.C. – Podia passar ou reprovar?

V.O. – Não. Eu acho que não, isso não! Casos raros de meninas com problemas motores e/ou psicológicos que tinham dificuldades de acompanhar, não passavam no quarto ano! Mas seguiam lá, exercitando! No mais, chegando ao sexto ano, se formava, mesmo com o conceito “suficiente”!

M.C. – Mas então, tu me falavas como era o professor Rolla...

V.O. – Sim, ele era duro e doce ao mesmo tempo. Ele... como é que eu vou te dizer... ele era rígido, exigente, mas não perdia a doçura, tu falavas alguma coisa ele já se amolecia, ele tirava a máscara. A escola para mim foi a segunda família. Eu vivi muito tempo lá dentro.

M.C. – Quanto tempo?

V.O. – Ah Meu Deus! Dos oito até os meus trinta.

M.C. – Então tu ficaste até o tempo do encerramento das atividades da Escola?

V.O. - Sim, sim. Na verdade eu estava um pouco afastada porque eu já estava com filhos. Então quando eu tive os meus dois primeiros filhos eu me afastei um pouco. Então eu não participei muito dessa fase... triste. De repente eu até fugi dela [risos], não sei, não tenho muito para te contar disso porque eu estava meio afastada.

M.C. – Então falávamos de como ele era. Além do que falou, o que mais tu te lembra dele como professor?

V.O. - Ele tinha palavras clássicas assim tipo “a gelada” quando tu estavas sem expressão, “sua gelada!” [risos], eu não lembro porque ele usava o “Portinari”, porque ele tinha muita disciplina de organização assim cada fila que andava, ele organizava as filas como iam acontecer cada exercício, cada variação que ele estava passando, era cada vez três ou quatro que faziam, e se essas que estavam atrás esperando a vez avançavam muito ele gritava “olha o Portinari!” Mas eu não lembro porque [risos], ele fez uma associação, ele contou uma história, mas também não lembro alguém pode ser que lembre... acho que a Regina talvez lembre. Porque que ele dizia o Portinari. E outra palavra que eu lembro muito é, uso às vezes lembrando dele, “equânime, isto não está



equânime”, a gente ria muito porque eram palavras que ele tirava do fundo do baú [risos]. Eu me lembro dele tentando passar para a gente a expressão da dança. Ele tinha muita expressão e nós éramos “as geladas”. [risos]

M.C. – Sim, comparadas a ele, entendo. Ele dançava em aula?

V.O. – Sim! Fazia, tudo que ele queria que a gente fizesse ele demonstrava, com muita leveza.

M.C. – Porque a gente vê nas fotografias que ele estava quase sempre em aula com uma calça social, cinto, camisa social e sapatilha.

V.O. – Mas era com a calça social... era essa a roupa dele. Ele chegava da rua, tirava o sapato e, botava a sapatilha e assim ele dava aula. E ele dava aula só para os três últimos anos e para as já formadas, a partir do quarto ano de ponta ele dava aula. E principalmente o último e depois as formadas que tinha um grupo que continuava dançando, participando dos espetáculos, e também as professoras. Eu comecei como auxiliar dele.

M.C. – Tu terminaste o curso para ser auxiliar, ou tu já foi auxiliar antes de terminar o curso?

V.O. – Eu primeiro terminei o curso. Eu me formei com quinze anos mais ou menos e aí eu comecei a auxiliar ele nas aulas.

M.C. – De que turma tu te lembra?

V.O. – Das quartas em diante. Mais quarta e quinta.

M.C. – O que tu fazia como auxiliar?

V.O. – Eu fazia a demonstração, passava os exercícios e ajudava ele na contagem e correção.

M.C. – Vocês ganhavam alguma coisa por isso Vera?

V.O. – Claro! Era remunerado. E depois eu assumi turmas também.

M.C. – Daí tu dava aulas sozinha?

V.O. – Eu dava aula sozinha.

M.C. – Que séries tu te lembras? Que faixa tu dava aula sozinha?

V.O. – Eu acho que em todas, dependia dos dias, pegava desde as pequeninhas até os avançados.

M.C. – Certo, e a tua estrutura de aula era semelhante a dele? Ele interferia na tua estrutura de aula?

V.O. – Sim, ele passava a maioria... A dos adiantados principalmente... Ele tinha aulas prontas.

M.C. – Um caderninho?

V.O. – É, ele tinha.

M.C. – Nós temos no acervo um caderninho com algumas coisas descritas em relação a primeiro ano, segundo ano. Tu chegou a manusear esses caderninhos?

V.O. – Acho que sim. Deve ser um dos cadernos de aula.

M.C. – Tu tinha um plano então?

V.O. – Tinha um plano da escola pronto! As professoras que me antecederam ajudaram a planejar. A Regina, a Laura e a Virgínia, minha irmã, também deu aula lá. Não sei se tu entrevistaste a Regina e a Laura.

M.C. – Não tenho, qual o nome?

V.O. – Laura Guimarães<sup>6</sup>, é a irmã da Regina. Ela continua na dança, ela dá aula na Lenita Ruschel<sup>7</sup>, ou agora ela está na Vera Bublitz<sup>8</sup> eu não sei, mas ela está, acho que está numa dessas duas. E a filha dela dança também. E onde é que eu estava? A Regina Guimarães e a Erenita Parmeggiane foram minhas professoras nas classes iniciais! A Regina acho que foi o braço direito do Seu Rolla por muito tempo!

---

<sup>6</sup> Laura Guimarães, ex-aluna da Escola de Dança João Luis Rolla.

<sup>7</sup> Ballet Lenita Ruschel.

<sup>8</sup> Ballet Vera Bublitz.

M.C. – Estávamos falando das aulas e dos caderninhos.

V.O. – Ah é! Ele tinha aulas prontas então tu olhava ali no caderno, era uma aula a cada mês. Cada mês era uma sequencia, então... É a gente decorava os exercícios, já sabia [risos]

M.C. – Quanto tempo tu deu aula lá? De quinze anos até tu falou trinta?

V.O. – É, mas eu não dancei todos esses trinta anos. Porque depois que eu casei, tive filhos, eu não dei mais aula lá. Eu até fui dar aula na Salma Chemale por um tempo, de jazz, pois eu fiz aula de jazz na Eneida Dreher porque no Rolla não tinha o jazz, era só o clássico.

M.C. – Isso que eu queria que tu me dissesse também, a especialidade lá era só o balé clássico?

V.O. – Era só o balé clássico! E aí eu fui fazer jazz com a Eneida Dreher, que é onde eu conheci o meu marido Felipe [risos]. E aí depois eu convidei o Felipe para dançar lá conosco no Rolla porque tinha, sempre teve, carência de bailarinos. Ele na verdade não era um bailarino, mas gostava de dançar, estava querendo dançar, ele tinha se separado então estava buscando coisas novas e resolveu fazer dança.

M.C. – Certo. Agora quero te mostrar aqui, nós temos um certificado que estava na parede da escola do Professor João Luis Rolla com o nome da escola. Mas já encontrei em jornais vários nomes atribuídos a escola como Escola de Bailados Clássicos João Luis Rolla, Escola de Dança João Luis Rolla, Rolla e seu ballet. Afinal, como vocês se nominavam? Quando alguém te perguntava onde é que tu danças?

V.O. – No João Luis Rolla ou Escola de Dança João Luis Rolla. Rolla e seu Ballet era apenas pra chamar para o espetáculo.

M.C. – Também neste quadro tu podes ver a descrição de dança clássica, característica, expressionista, moderna, folclórica e curso infantil. Sabes me dizer sobre estas modalidades? Isso pode ter sido uma época que tu não viveu?

V.O. – Pode ser, pode ser e característica ele usava esse termo às vezes, aula de característica, era... eu não me lembro bem, mas eu acho que era quando ele usava ritmos como a Mazurca, e as folclóricas, mais nas danças infantis, mas sempre com a influência do balé clássico.

M.C. – Entendi.

V.O. – Não era uma dança folclórica. Lembro que nas turmas infantis, até o primeiro ano de ponta, eu acho, tinha a “aula do mês”, era uma aula apresentada para as mães e no final sempre tinha uma dancinha, muitas inspiradas no folclore.

M.C. – O básico sempre foi o balé clássico?

V.O. – Sim.

M.C. – Muito bem. O que representava na época dançar na escola de João Luis Rolla? Pois existiam outras escolas na cidade, não é?

V.O. – Para mim não, era só ele... [risos].

M.C. – Ok [risos]. Mas tu lembra para me dizer quem existia na época. Quem era a concorrência na época?

V.O. – Existia a Tony<sup>9</sup>, a Eva Schul, mais tarde a Maria Amélia<sup>10</sup>, muito mais tarde a Simon Dreher, a Ilse Simon era clássico e a Eneida Dreher era o moderno, o jazz. Eu ouvi falar delas no final da minha formação na dança. Quando eu fui fazer o jazz, eu já estava formada. Tinha um homem argentino, eu acho, que dava aula na escola da Tony, meu Deus eu até fiz aula com ele mas não me lembro o nome. Tinha também a Dullius<sup>11</sup>, mas era fraca focava mais na ginástica olímpica, hoje é uma grande escola. Tinha a Marina<sup>12</sup> também.

---

<sup>9</sup> Antônia Seitz Petzhold.

<sup>10</sup> Maria Amélia Barbosa.

<sup>11</sup> Marion Dullius.

<sup>12</sup> Marina Fedossejeva.

M.C.- Depois quando tu corrigires a entrevista, se tu lembrares tu podes acrescentar o nome. Então agora que tu citaste estas outras escolas me conta o que representava, na época, dançar na escola de João Luiz Rolla?

V.O. – Para mim era a melhor escola de Porto Alegre!

M.C. – ok! Mas isso era o que se dizia Vera? As pessoas falavam isso?

V.O. – Eu acho que a grande maioria tinha pela escola do João Luis Rolla o melhor conceito sim... Talvez concorrentes não concordassem, mas eu acho que uma grande maioria considerava uma das melhores escolas ou a melhor escola! Eu acho que ela era a melhor escola da época. Inclusive de tamanho, de número, de... Bah! Ele tinha muitos alunos, Bah! Eu me lembro que quando tinha espetáculo era dureza organizar aquelas crianças porque vinham lá das criancinhas até os avançados. Eram três atos e tinha povo para tudo isso entendeu? Era uma escola bem grande e mais tarde que eu vi que outras escolas cresceram, mas de inicio, era o João Luis Rolla.

M.C. – Muito interessante! Nesses espetáculos, nós vemos nas fotografias muita gente em palco, como acontecia nos bastidores? As mães ajudavam? Ficava todo mundo lá trás esperando para entrar em cena? Os pequenos com os grandes? O que acontecia lá? Como é que ele era também nesse momento?

V.O. - Ele era um disciplinador, a escola era muito disciplinada, já nas aulas se tinha disciplina! Não tem conversa! E eu lembro que a gente, as professoras e as auxiliares ajudavam a organizar cada grupo, ficar responsável por grupos, lá atrás elas já ficavam esperando a vez organizadas para não dar erro de entrada, era muito organizado. E era um povo lá atrás, porque muito dos infantis era uma história, era um balé tipo Grand Canyon, os Patinadores, então eram vários números, o sonho da boneca. Tiveram vários, teve até o saltimbancos na nossa época a gente fez o saltimbancos e então assim era aparece todo o grupo do número que vai acontecer, a grande história e depois cada figura da história, cada... tipo, vamos supor os saltimbancos entravam todos os bichos, aí depois tinha a musiquinha da galinha, a do cachorro, a do burro e a da gata e voltavam todos, então isso lá atrás era uma muvuca, mas uma muvuca organizada [risos], de vez em quando tinha que se dar uma ralhada assim, tu não podia amaciar

muito que criança toma conta, então a gente tinha uma disciplina tipo oh! Aqui quieto se não, não dança mais, sabe. Mamães, só na plateia!

M.C. – E o figurino de vocês, vocês que compravam? Cada um providenciava a sua roupa?

V.O. – Cada um providenciava a sua roupa.

M.C. – E todo o ano tinha um espetáculo e uma nova roupa?

V.O. – Sim. Depende do balé, às vezes ele repetia, mas já vinha outra roupa.

M.C. – E vocês costumavam apresentar em setembro, outubro, era final do ano?

V.O. – Era, mais para outubro eu acho.

M.C. – Qual é a apresentação que te marcou mais?

V.O. – É a mais frustrada [risos] ai que horror! [risos]

M.C. – O que aconteceu, me conta! [risos]

V.O. – Foi a única vez que eu ganhei um solo, ele chamava o Ricardo Ordoñez<sup>13</sup> para fazer coreografias e eu nunca tinha tido um papel de destaque e esta vez eu ganhei um solo que ele coreografou para mim e eu peguei hepatite e não pude dançar, eu tinha a fantasia pronta, Prokofieff<sup>14</sup>. Era o nome da dança, do músico sabe...e não pude dançar, então eu tenho... Assim a primeira coisa que eu lembro é essa frustração.

M.C. – Mas veja bem, tu tens um momento muito importante aí para me contar, como foi a construção dessa coreografia? Ele dava aula somente para ti? Como é que ele montou essa tua coreografia?

V.O. – Não era sozinha! Era no grupo. Ele chamou, vem aqui faz isso, isso, assim e todo mundo olhando na volta porque em cada número, ensaiava o pessoal envolvido naquele número, naquele papel, os outros ficavam nos arredores olhando, alguém saía para o vestiário, alguém ia fumar, mas era no grupo.

---

<sup>13</sup> Bailarino, coreógrafo nasceu na cidade de Rosário-Praça de Santa Fé(1939-2009).

<sup>14</sup> Coreografia Prokofieff, Gershwin, Fuller e Baron apresentada no espetáculo de Setembro e Novembro de 1966.

M.C. – E como foi ser chamada Vera?

V.O. – Ah foi muito legal! Ele me chamou “vem aqui”. E aí começou me dar um passos para fazer.

M.C. – E aí te disse tu vai fazer a dança tal?

V.O. – É. E viu se eu conseguia fazer um negócio que era fazer um “develoupé a la second” segurando o pé, soltar o pé e ficar parada ali uns instantes, subir nas ponta, em “releve” e atirar a cabeça pra trás, foi difícil, mas consegui, e tinha isso na coreografia e ah! Foi muito legal. Ali foi muito compensador, foi o momento mais feliz para mim!

M.C. – Claro! Não tenho dúvidas. Por isso que eu te chamo atenção para esse momento. Mesmo não tendo apresentado, esse momento é riquíssimo.

V.O. – É, é verdade.

M.C. – Então depois tu foi substituída por estar doente na época? Quem te substituiu tu te lembras?

V.O. – A Maria Aparecida Aguston e a Laura... não me lembro se a Laura também fez, mas eu acho que quem... ah! Não vou dizer isso [risos] mas eu acho que quem deveria ter feito era a Laura. Que a Aparecida eu acho que ela era muito clássica, muito dura e a Laura já era... eu e a Laura já éramos mais um estilo jazz moderno, entendeu e a dança era mais... chiclete assim.

M.C. – Pois é, e da onde vem este estilo porque tu me disse no começo que tu fazia aula em outros lugares. Ele permitia? Vocês podiam tranquilamente fazer aulas em outros lugares?

V.O. – Podia. Ele dava o maior apoio, achava bem legal que a gente fosse enriquecer conhecimento. Às vezes ele ficava com um ciuminho, sim, ele tinha um ciuminho. Mas ao mesmo tempo ele tinha essa consciência de que a gente tinha que crescer.

M.C. – Certo. Bom, vamos falar um pouco de quando tu saíste da escola. Então tu resolveu casar, como é que funcionava isso para ele o momento do desligamento, tu comunicava?

V.O. – Sim, ele acompanhou todo o meu namoro, porque o Felipe, ele tinha se separado e logo a gente se conheceu, eu já tinha sido aluna dele, ele é professor de cursinho, mas nesse tempo eu nunca tinha falado com ele. E fui conhecer ele lá na Eneida, na Eneida Dreher. E quando eu trouxe ele lá para o Rolla para começar a fazer clássico e como ele era recém separado ele tinha idas e vindas, então a gente tinha um namoro bem conturbado porque tinha a ex mulher dele, então de vez em quando ele tinha as recaídas, e eu sofrendo lá e ele vinha, ele era um amor o seu Rolla, ele tinha uma frase assim clássica “Verinha o que é para ser nosso às nossas mãos virá” [risos] tipo assim se é para ser ele, vai dar certo, espera, te acalma, ele era conselheiro sentimental também. Então ele acompanhou isso tudo, foi no nosso casamento.

M.C. – Quando tu falas que ele era um conselheiro entendo que ia além de ser professor?

V.O. – Ele era o meu segundo pai. Sim, ele ia além... ele tinha aquela carapaça durona assim, mas era muito afetivo, canceriano [risos] ele era muito afetivo, muito querido. Ah ele ensinou muita coisa para a gente... Era envolvido com a dança, mas ele tinha aquele aconchego com ele também sabe.

M.C. – O que tu lembras do período final quando a escola fechou?

V.O. – É que assim, depois que eu tive o primeiro filho, uns três, dois anos depois eu entrei de sócia numa escola de jardim de infância, então eu trabalhava “full time” nessa escola, então nesse tempo eu me desliguei muito da escola do Rolla, porque eu acho que ali eu já não estava mais dançando quase, a minha saída foi muito aos poucos porque eu tenho fotos ali dançando que eu estava grávida do primeiro filho e não sabia, então e depois tive, voltei a dançar engravidei do segundo aí quando engravidei da Júlia que realmente eu parei não dancei mais. Depois fundamos o Unicamara que era um balé em que a maioria das pessoas, quase todas, não me lembro se tinha gente de fora, eram que nem a gente diz as Rolletes [risos].



M.C. – Mas vocês se reuniram quando tu fala a gente fundou, alguém teve a ideia?

V.O. – Sim, a Márcia Lima Rothfunchs<sup>15</sup>. O pai dela era quem imprimia os convites, os programas. Ela tem a gráfica até hoje. Ela era bem influente, e depois todo mundo que fez bale na escola e queria continuar dançando ficou no grupo, exceto algumas por desencontro de ideias, todas tinham funções, a Márcia era os convites e eu não me lembro bem das outras. Surgiu o Unicamara, Uni porque a gente usava uma sala do Unificado e tinha um apoio do Unificado, e era um balé de câmara então o nome que escolhemos foi Unicamara Ballet e dançávamos pelo interior fazendo espetáculos.

M.C. – E ele sabia?

V.O. – Sim. E ia de vez em quando olhar e tal. Teve um tempo que se ensaiava lá na escola, mas aí depois pediram a sala, a escola acabou porque pediram a sala.

M.C. – Tu sabes por que pediram a sala?

V.O. – Política! Alguém tinha na secretaria da educação ou sei lá se da Cultura, eu não sei quem cedia, que órgão cedia essa sala para o Rolla. Aí alguém lá dentro era parente de alguém de outra escola que eu não vou dizer, até porque nem me lembro o nome. A gente acha que pediram para mudar quem seria a escola de Porto Alegre. Porque ali a gente usava aquele espaço em troca de apresentações na semana de Porto Alegre a gente dançava no auditório Araújo Viana, eram apresentações gratuitas para o público porto alegreense então eram eventos que a gente ia dançar, era um show com balé clássico para quem quisesse ver e era uma coisa da prefeitura. Então a troca que o Rolla tinha com a prefeitura era isso, era prestar serviço e tinha a sala ali, aquele espaço no Auditório. Às vezes o show era até no Auditório de entrada gratuita, e algumas pessoas queriam isso também eu acho e eu não sei essa escola... Acho que a Regina sabe quem é, o nome eu sou zero a esquerda com nomes [risos]. Era com C. Não me lembro, era uma pessoa que eu não conhecia. E que talvez tivesse interesse político, só que ao mesmo tempo que tirou do Rolla ninguém ocupou. Foi uma baita sacanagem e isso acabou com a vida dele bem antes do que deveria porque eu acho que ele deprimiu e eu visitei ele duas vezes eu acho.

---

<sup>15</sup> Marcia Rothfunchs de Lima, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

M.O. – Tu chegou a ir na clinica que ele se encontrava?

V.O. – Sim, mas naquela coisa, na corrida, com filho pequeno na escola então... mas eu larguei da dança assim porque eu me decepcionei bastante com a estrutura, com o que o estado, com o incentivo do estado, tudo era muito difícil aí... não tinha um corpo de balé municipal no Rio Grande do Sul, quem se destacava se quisesse continuar tinha que sair de Porto Alegre não podia ficar aqui porque ia estacionar.

M.C. – E falando sobre isso, tu te lembra de nomes que se destacaram, que eram da escola e que se destacaram na dança? Quem tu pode me citar?

V.O. – Que saíram? A Scheila<sup>16</sup> mas não me lembro...

M.C. – Que ficaram na dança e que se destacaram. Não necessariamente que saíram para fora, que montaram suas escolas, mas que tiveram destaque na dança mesmo, quem das tuas colegas tu te lembra.

V.O. – A Isabel Beltrão<sup>17</sup>, a Laura Guimarães<sup>18</sup> ela até chegou a ter uma escola eu dei aula na escola dela que era Gestus, mas no fim acho que não deu e ela foi dar aula nas outras escolas. A Carlota<sup>19</sup>, a Leta<sup>20</sup>, não sei eu acho que tem escola, é que ela não era muito do meu tempo assim quando eu já era mais adulta ela já não estava mais lá, então... Ela é um pouco só mais velha que eu mas eu acho que ele se formou e saiu eu não sei se ela ficou mais tempo e eu não cheguei a ter grandes contatos com ela.

M.C. - Mas se tu tivesse que me dizer assim um nome que foi expressivo como bailarina na dança...

V.O. – A Scheila Pereira que saiu e foi para a Alemanha, a Sayo<sup>21</sup> que também saiu, mas a Scheila era mais bailarina, a Sayo era mais esforçada era outro estilo, a Scheila tinha como ser uma primeira bailarina. E era lá no Rolla, era ela e a Virgínia minha irmã, só que a minha irmã ficou ela não saiu.

---

<sup>16</sup> Scheyla Regina P. da Silva, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>17</sup> Isabel Beltrão, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>18</sup> Laura Maria Endler Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>19</sup> Carlota Christina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>20</sup> Maria Celeste Spolaor Etges, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla

<sup>21</sup> Sayonara Pereira, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

M.C. – Ficou na dança também? Fez carreira na dança?

V.O. – Ficou, fez carreira até ir para Portugal. Ela fez ESEF e aí ela foi fazer um curso de danças folclóricas em Portugal e conheceu o atual marido dela e acabou ficando lá.

M.C. – Ela dança ainda?

V.O. – Não , abandonou total. Eu acho que ela tinha que ter feito alguma coisa lá.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final.

V.O. - Não sei... Eu vejo assim com bastante tristeza tudo isso ter terminado, não ter continuado porque foi uma grande escola com certeza, eu acho que muitas escolas que estão aí hoje devem em algum ponto ter se espelhado com ele, hoje eu acho que está bem mais difícil tu manter uma escola de balé clássico por exemplo, porque as crianças não tem mais disciplina e não aceitam mais a disciplina que o balé clássico exige, tu tem que repetir nas aulas, repetir, na repetição tu limpa o movimento, tu aprimora o movimento e vai fazer uma criança entender e hoje em dia elas não se submetem mais a disciplina. E eu acho que está bem difícil, acho que tem bem menos escolas de balé clássico hoje do que no passado não sei, boas escolas... Eu acho que tem poucas.

M.C. – E ela era uma boa escola?

V.O. – Era, era uma boa escola. Tiveram outras bailarinas que saíram, mas que eu nem lembro o nome, mas muitas outras bailarinas poderiam ter crescido, até teve o corpo de balé da PUC que formaram, eu entrei, teve uma audição bah eu me lembro que foi um momento muito legal que fizeram uma audição e tinham todos os bailarinos de Porto Alegre concorrendo para fazer parte do balé, corpo de balé da PUC e é uma coisa que também não vingou porque o estado mais uma vez não ajudou. Tinha a escola da Marina que era boa também, a Maria Amélia<sup>22</sup>, eram as escolas em que o clássico era o forte. E aí eu não sei mais o que te dizer assim... [risos] É uma parte da minha vida muito marcada, muito importante, foi a minha infância, cresci lá dentro, minha segunda casa, muitos anos lá dentro e me lembro assim... É uma memória que guardo com muito

---

<sup>22</sup> Maria Amélia Barbosa.

carinho e certa frustração de não ter continuado e acho que eu tinha condições de ter crescido mais. Tu tens vontade de ver esse álbum que eu tenho?

M.C. – Tenho sim. Para a minha tese é importantíssimo, se tu quiseres eu posso fotografar o álbum por que... tu ainda não queres doar?

V.O. – Ah eu poderia acessar quando eu quisesse?

M.C. – Sim, ele fica a tua disposição e não só, mas qualquer pessoa, pois nós disponibilizaremos ele no repositório digital.

V.O. – Todas as bailarinas formadas do Rolla tem esse álbum.

M.C. – Tu és a primeira a me dizer isso.

V.O. – Bom, eu guardei.

M.C. – Pois então, eu gostaria sim.

V.O. – Eu vou trazer pra ti... Porque eu penso em um dia mostrar para as minhas netinhas, mas eu posso trazer elas aqui para olhar.

M.C. – Mas deixa eu te perguntar, ele é um álbum como um caderno assim?

V.O. – A gente tinha que encadernar. É, e eu fiz uma capa... cada um fazia a seu critério. Mas o meu até é uma capa de camurça com feltro, com a imagem de dança com feltro.

M.C. – Sim, a principio se tu quiseres eu posso fotografar, se tu quiseres ainda ficar com ele. Mas o Ceme receberá com muito gosto se quiseres doar. Porque seria o primeiro trabalho de tcc de conclusão de curso de vocês [risos].

V.O. – É não deixa de ser. Neste álbum tem fotos. É difícil doar por isso [risos] Tem até a foto da formatura. E tu pode ver com todas essas pessoas ver quem ainda tem esse álbum.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]